

ESTRATÉGIAS, MODELOS E PLATAFORMAS ON-LINE DE ARMAZENAMENTO PARA ARQUIVOS AUDIOVISUAIS

Paulo Eduardo Silva Lins Cajazeira

Doutor em Comunicação e Semiótica. Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil.
paulo.cajazeira@ufca.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-8060-9358>

José Jullian Gomes Souza

Mestre em Biblioteconomia. Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil.
jullianjose64@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4007-8545>

RESUMO

Pretende-se apresentar as estratégias de armazenamento e salvaguarda dos arquivos audiovisuais, a partir de modelos e plataformas on-line utilizados por instituições brasileiras. Como forma de propiciar a visualização dos formatos que podem ser apropriados por outras instituições, que possuem arquivos audiovisuais em seu acervo. Dessa forma, tem como objetivos secundários: a) explicitar os ambientes digitais de informação enquanto novos lugares de memória, sobretudo para o audiovisual e b) identificar as características próprias de cada modelo e plataforma digital. O quadro metodológico perpassa uma abordagem qualitativa com estratégia de estudo exploratório-descritivo, visualizando as plataformas utilizadas por diferentes instituições. Conclui-se que os ambientes digitais possuem diferentes recursos e plataformas, que podem ser utilizados para a preservação e potencialização do acesso e uso online do arquivo audiovisual.

Palavras-chave: Arquivo audiovisual. Tecnologias da informação. Plataforma digital.

ONLINE STORAGE STRATEGIES, MODELS AND PLATFORMS FOR AUDIOVISUAL ARCHIVES

ABSTRACT

It intended to present the strategies for storing and safeguarding audiovisual files, based on online models and platforms used by Brazilian institutions. As a way of enabling the visualization of formats that maybe appropriated by other institutions, which have audiovisual files in their collection. Thus, its secondary objectives are: a) to explain the digital information environments as new places of memory, especially for the audiovisual and b) to identify the specific characteristics of each model and digital platform. The methodological framework permeates a qualitative approach with an exploratory-descriptive study strategy, visualizing the platforms used by different institutions. It concluded that digital environments have different resources and platforms, which can be used for the preservation and enhancement of online access and use of the audiovisual archive.

Keywords: Audiovisual archive. Information technologies. Digital platform.

Recebido em: 24/06/2020

Aceito em: 01/09/2020

Publicado em: 31/12/2020

1 INTRODUÇÃO

A preservação de arquivos e documentos audiovisuais, visando o seu armazenamento, recuperação e disseminação, encontra na migração digital, ou na hibridização, uma nova possibilidade de funcionamento, acesso e uso da informação audiovisual. Sob o uso das novas tecnologias digitais e dos sistemas informáticos,

os profissionais da área deparam-se com mais este novo desafio: a utilização de ferramentas, estratégias e plataformas, que visam especificamente a proteção dos arquivos audiovisuais ao longo da história da humanidade. Contudo, na contemporaneidade observa-se um crescimento exponencial da produção de documentos audiovisuais, o que acarreta na preocupação sobre a salvaguarda.

Edmondson (1998, p.8, grifo nosso) fez questão de ressaltar um aspecto central acerca dos arquivos audiovisuais: “[...] colecionar, administrar, preservar, fornecer acesso a documentos audiovisuais é seu objetivo principal e não uma atividade suplementar no meio de outras. A palavra de ligação é **e**, não **ou**: o arquivo faz tudo, não algumas destas coisas”. Desta forma, entende-se que as atividades de gerenciamento e preservação da informação audiovisual em arquivos deve contemplar as características descritas pelo autor.

Assim, “é necessário que as instituições adotem estratégias de preservação digital [...]” (GRÁCIO; FADEL, 2010, não paginado), o que dialoga com a compreensão da presente investigação em visualizar quais as estratégias, os modelos e as plataformas que as instituições que possuem arquivos e documentos audiovisuais estão utilizando para a realização da preservação digital. Uma vez que, o contexto informacional do século XXI tem sido caracterizado por uma intensiva presença tecnológica e a informação audiovisual assume uma centralidade no processo informacional. Nesta perspectiva,

As novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e o advento da digitalização possibilitaram a preservação da memória e história da nossa sociedade. A mídia digital funciona como uma das condições fundamentais para que a memória do documento audiovisual permaneça viva e em movimentação (CAJAZEIRA; SOUZA, 2019, p.123).

Diante do exposto, tem-se a seguinte problemática: como as instituições que possuem arquivos audiovisuais estão se utilizando das ferramentas e plataformas digitais, para a preservação da memória e o compartilhamento on-line da informação audiovisual? Para responder tal questionamento, o objetivo principal é apresentar as estratégias de armazenamento e salvaguarda dos arquivos audiovisuais, a partir de modelos e plataformas on-line utilizados por instituições brasileiras. E, os objetivos secundários: a) explicitar os ambientes digitais de informação enquanto novos lugares de memória, sobretudo para o audiovisual e b) identificar as características próprias de cada modelo e plataforma digitais.

Adota-se como procedimentos metodológicos o uso da abordagem qualitativa, com a utilização da estratégia de estudo exploratório-descritivo, para visualizar e apresentar

as estratégias utilizadas por diferentes instituições. O que corrobora para a expansão da temática no universo científico, fortalecendo as pesquisas na área da documentação e arquivo audiovisual.

2 O ARQUIVO E O ARQUIVO AUDIOVISUAL

O arquivo é visto como um conjunto de documentos escritos, fotográficos, microfilmados etc. mantidos sob a guarda de uma entidade pública ou privada, uma instituição. Neste lugar a

[...] sociedade preserva sua cultura através da transmissão do conhecimento e de sua conseqüente apropriação, sendo que essa apropriação, **quando registrada e transmitida, gera um novo estado de conhecimento, ciclo que garante nossa evolução sócio cultural** (INNARELLI, 2011, p.73, grifo nosso).

Nesta perspectiva, os arquivos assumem um papel fundamental na sociedade resguardando documentos que corroboram com a construção de uma memória social, possibilitando o acesso e uso do registro informacional de épocas passadas, tornando possível uma manutenção no presente com os acontecimentos do passado.

Pires (2011, p.26) explica que “[...] a palavra arquivo remete-nos, automaticamente, para um pensamento de algo que compile informações com história, em documentos ou em gravações, sejam essas informações sobre um sítio, pessoas ou instituições”. Assim, conforme Ray Edmondson (1998):

[...] o uso do termo arquivo [*archive*], singular ou plural, em linguagem comum, é em si mesmo problemático por causa das suas múltiplas associações. Em uso popular, tem largas conotações com um lugar onde o ‘velho’, ou onde materiais não correntes são guardados. Com as suas conotações populares de pó, teias de aranha e decadência, de material esquecido, fechadas e de acesso remoto, a palavra é frequentemente uma desvantagem nas relações públicas. Falar de material ‘descoberto’ ou ‘desenterrado’ nos arquivos não reflete a precisão, orientação para o utilizador e o dinamismo de um arquivo bem gerido (EDMONDSON, 1998, p.8).

A visão geral que a sociedade tem do arquivo é a mesma da biblioteca, num contexto mais antigo: um lugar “velho”, “silencioso” e no qual se encontra uma senhora que, certamente, vai pedir para o usuário não fazer barulho. Mas, na contramão dessa visão, Derrida (2001) argumenta que o arquivo é um lugar instituído de impressão, carregando consigo um sentimento de memória, que é passível de provocar a lembrança

e o esquecimento. Um lugar que aproxima as diferentes temporalidades, no qual se pode identificar um princípio de atualidade e recursos utilizados para dar densidade ao presente: o passado como elemento da memória e o futuro (da informação) como projeção (DALMONTE, 2010).

Com isso, faz-se preciso observar alguns aspectos sobre aos arquivos audiovisuais, a partir do Plano Estratégico Patrimonial (PEP) elaborado como parte do Programa Mercosul Audiovisual (PMA). Bezerra e Santos (2019) destacam três elementos para a reflexão sobre a preservação: a operação historiográfica realizada por arquivos e cinematecas; os arquivos organizados internacionalmente desde 1938, quando da criação da Federação Internacional dos Arquivos Fílmicos (FIAF) e; as crises e a falta de recursos institucionais. Elementos que corroboram para explicar as dificuldades e descaso com desses arquivos e documentos audiovisuais.

Esses elementos são fundamentais para que seja possível compreender, dentro de um contexto amplo, não somente o porquê de preservar os documentos, em especial o audiovisual. Contudo, entende-se que a instituição arquivo e o documento como objeto ou produto desse arquivo contém e resguarda rastros para a identificação e visualização da construção social e suas transformações.

Todavia, no histórico do campo da Biblioteconomia, o arquivo e o documental audiovisual passaram por processos de invisibilidade. E apenas recentemente, os documentos audiovisuais passaram a ter respaldo na área ainda que de forma incipiente. Desse modo, tem-se como um dos grandes representantes na temática Ray Edmondson (1998, p.4), que define os documentos audiovisuais como

Gravações visuais (com ou sem banda de som [*soundtrack*]) independente [da sua base física] do seu suporte e processo de gravação usado como filmes, [*filmstrips*] diafilme, microfilmes, diapositivos, fitas magnéticas, cinescópios [*kinescopes*], videogramas [*videograms*], videotapes – fitas de vídeo (videotape, videodiscos), discos ópticos legíveis por laser (a) planejados para recepção pública quer através de televisão ou por meio de projecção em écrans ou por quaisquer outros meios (b) destinados a ser postos à disposição do público (EDMONDSON, 1998, p.4).

Neste sentido, pode-se dizer que um arquivo é uma coleção de documentos podendo abarcar os mais diversos formatos: **escrito, iconográficos e sonoros**. De acordo com Edmondson (2017, p.31), os “[...] arquivos de som, de filmes, de rádio e depois de televisão tenderam a ser a princípio institucionalmente diferentes uns dos outros, refletindo o caráter distinto e individual de cada mídia e das indústrias

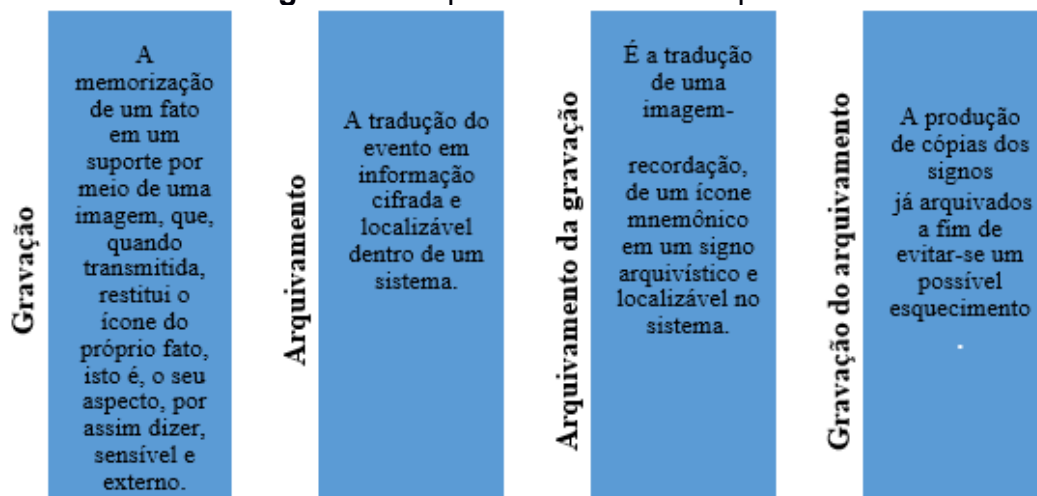
a elas associadas”. Essa ponderação e individualidade em torno do arquivo e do arquivo audiovisual não esteve sempre presente na sociedade e nas instituições, por isso torna-se importante a sua explicitação na pesquisa.

É uma forma de poder dar visibilidade científica e inserir neste campo pesquisas que se voltam para descortinar tal área do conhecimento. Pois, no “[...] mundo em que vivemos há muito tempo está cheio de lugares nos quais estão presentes imagens que têm a função de trazer alguma coisa à memória” (ROSSI, 2010, p.23). Dentro desses lugares os arquivos audiovisuais ocupam uma importante função social, cultural e histórica, fazendo um paralelo com a ideia de “presenteísmo” (RIBEIRO; SOUZA; GOMES 2017), ou seja, do arquivo em diálogo sempre com o tempo presente.

Assim, a discussão sobre o arquivo audiovisual é pertinente e necessária no contexto atual, visto que há um vasto crescimento desse do documento audiovisual. Para Oliveira e Rocha (2019, p.745) “o acervo audiovisual representa um novo tipo de materialidade e formato”, necessitando de um reconhecimento, identidade e visibilidade enquanto patrimônio (ROSARIO, 2019). Neste sentido, esta discussão é pertinente para a reflexão sobre este objeto de investigação na contemporaneidade das práticas informacionais.

Frente ao papel do arquivo audiovisual, Colombo (1991) argumenta sobre alguns aspectos que cercam a construção desses arquivos e dos seus documentos (figura 1), que são fundamentais para compreender a sua importância e usabilidade pela sociedade:

Figura 1 – Aspectos acerca do arquivo



Fonte: Elaboração própria baseado em Colombo (1991).

Observa-se que estes aspectos funcionam dentro de uma lógica em torno do arquivo, do processo de arquivamento e da salvaguarda não somente no aspecto físico, mas híbrido e digital. O que pode ser relacionado a partir da visualização da historicidade dos suportes de arquivamento audiovisual. Da gravação inicial até a gravação do arquivamento identifica-se que há um reforço dos laços de memória da imagem gravada para a sua recordação. Um processo que ocorre a partir do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), dos ambientes e ferramentas digitais disponíveis para essa operacionalização.

Desta forma, não basta realizar o arquivamento da gravação, mas é preciso conjuntamente a produção de cópias desse arquivamento feito anteriormente como sugere o autor. Assim, cria-se um processamento sem fim de tradução, transcodificação e a cópia da cópia que sugere mais confiança e menos vulnerabilidade.

2.1 Transcodificação, externalização

Acerca da transcodificação do conteúdo informacional audiovisual Smit (1987) explica que ela é a tradução de um código para o outro, de uma linguagem para outra. Assim, a ideia de transcodificação “[...] ocorre quando ‘traduzo’ uma foto em palavras [sendo] uma operação relativamente simples quando comparada com a análise de filmes, compostos por imagem, trilha sonora e a interação dos dois (o som dos aplausos me faz ver a plateia)” (SMIT, 1987, p.103). Pensando a partir do documento audiovisual, essa proposta seria transformar o conteúdo textual, iconográfico e sonoro em palavras-chave, termos, para que seja possível a recuperação da informação, por exemplo. Ou seja, a passagem de uma linguagem para uma nova linguagem.

O aspecto da transcodificação também é observado mediante a remodelação da paisagem informacional das mídias, com a expansão da internet e das ferramentas tecnológicas. Ao explorar esta perspectiva através das bases de dados, Machado (2006) identifica o surgimento de uma nova forma de organização da memória e bases de dados, que “aliadas à tecnologia da internet e ao desenvolvimento de linguagem dinâmicas [...] permitem a estruturação das informações de modo combinatório” (BARBOSA, 2006, p.3). Com isso, as bases de dados permitem o desenvolvimento de sistemas de busca, recuperação, composição, armazenamento e circulação da informação em ambientes

digitais de informação. Objetivando, assim, uma proposta tecnológica de preservação digital da informação e da imagem, pois as

Imagens em movimento possuem grande valor na educação e formação de nossas comunidades, capturando momentos representativos de nossa vida e de nossa sociedade e seus arquivos estão armazenados com informações valiosas e inexploradas (BRASIL; PAVLIK, 2016, p.32).

Com isso, a externalização da memória é vista como um ato não natural. É uma memória criada, artificial e representada na passagem do processo de subjetivação para um registro. Para melhor visualizar esta reflexão, vale refletir sobre as pinturas rupestres nas cavernas da pré-história. De lá para cá, o homem foi estabelecimento condições e proposições de armazenamento e externalização da memória, que se amplia e se reconfigura, na atualidade, com a introdução dos sistemas e ambientes digitais possibilitando a manutenção das relações humanas com os acontecimentos passados, ao menos parcialmente e remotamente. Essa percepção é explicada por Palácios (2014, p.89):

[...] nossa memória tornou-se artificial quando um de nossos ancestrais, em um distante passado Neolítico, riscou uma pedra, gostou do que viu, riscou outras e perenizou os primeiros sinais indicativos de que ali estava em ação e habitando o mundo uma espécie animal que pretendia deixar marcas de sua existência que sobrevivessem ao artífice que as lavrava.

Diante deste cenário, Maldonado (2007) observa que a externalização e a artificialidade da memória transpassam a necessidade da criação de lugares de memória. De acordo com Nora (1993, p.7), os lugares de memória residem no

momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação.

É uma memória fragmentada e que a sociedade visa a conservação e a transmissão futuras. Nesta perspectiva, o autor explica que “os lugares de memória são, antes de tudo, **restos**. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a gente chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a nação” (NORA, 1993, p. 12-13, grifo nosso). Esses lugares podem ser representados por museus, arquivos, santuários e associações etc. com enfoque para a preservação da memória frente a sua revitalização do presente. Assim, visualiza-se que há uma

[...] ânsia pelo arquivamento – a vontade de tudo guardar, de tudo armazenar, de nada perder – é reforçada na contemporaneidade pelo desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação,

sobretudo a informática, que criam a possibilidade de um arquivo total, infinito (RIBEIRO; BARBOSA, 2007, p.102).

A partir dos lugares de memória de Nora (1993), compreende-se a existência de novos lugares de memória (CAJAZEIRA; SOUZA, 2019). Esses novos lugares partem de uma expansão desses lugares físicos para os ambientes digitais de comunicação e informação, que se situam na realidade da comunicação digital, fazendo as trocas e as interações informacionais mais instantâneas e a memória vislumbrada sob a potencialidade do uso e acesso digital. “Esses novos lugares da memória podem funcionar como potencializadores da memória, mas que ainda são pouco explorados pelos ambientes de informação” (CAJAZEIRA; SOUZA, 2020, p.43). E que inseridos em novas dinâmicas, estabelecem condições para o arquivamento, recuperação e disseminação da informação e memória audiovisual.

3 QUADRO METODOLÓGICO

A metodologia adotada perpassa a abordagem de pesquisa qualitativa, que conforme Gerhard e Silveira (2009) visa a compreensão dos significados, motivos, aspirações, o que corresponde a um espaço mais aprofundado das relações dos fenômenos. Enquanto estratégias de pesquisa se utiliza os modelos bibliográfico e exploratório-descritivo. De acordo com Gil (2002) a pesquisa exploratória tem por objetivo a familiarização com o tema, buscando o aprimoramento de ideias ou novas descobertas. E a pesquisa descritiva propõe uma descrição pormenorizada do objeto em investigação.

Já o levantamento bibliográfico, por sua vez, possibilitou a partir do material já existente como livros, artigos científicos, dissertações e teses, o desenvolvimento da temática a ser abordada. Esse levantamento ocorreu em pesquisas realizadas consultando a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e, os artigos de anais de eventos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib). Para a filtragem e seleção do referencial durante a busca utilizou-se os seguintes descritores: “arquivo audiovisual”, “documento audiovisual” e “preservação digital” com recorte temporal de 2000 a 2018.

Para a definição das instituições realizou-se um mapeamento vislumbrando as instituições públicas com acervo audiovisual e instituições de ensino superior. Desse modo, ela ocorreu em dois momentos: (1) durante a leitura do levantamento bibliográfico, no qual foi visualizada a apresentação do acervo audiovisual da Cinemateca Brasileira; o repositório digital do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP); o Museu de Zoologia Adão José Cardoso da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e (2) das Instituições Federais de Ensino Superior, especificamente dos cursos de Jornalismo, por se tratar de um campo de produção audiovisual durante o período da graduação, especificamente nas disciplinas de telejornalismo e jornalismo audiovisual.

Assim, dentre os 42 cursos de Jornalismo identificou-se três cursos e instituições que se enquadravam na proposta deste estudo. Deste modo, tendo posse do mapeamento, definiu-se que as instituições seriam agrupadas em três categorias: **repositórios institucionais digitais, sites institucionais e redes sociais digitais.**

Uma vez que a pesquisa dialoga com o uso das tecnologias digitais, potencialidades da internet e dos ambientes on-line voltou-se a atenção para as últimas duas décadas do século XXI, frente ao entendimento e visualização de iniciativas transformadoras na construção de um meio de comunicação digital. Com isso, foram identificadas cinco instituições que representam o objetivo deste estudo, pois além de terem acervos audiovisuais também disponibilizavam os ambientes digitais para o armazenamento e disponibilização. O que já corrobora para identificar que a partir do recorte de investigação, as iniciativas acerca do processo de digitalização das instituições com acervos audiovisuais analógicos ainda estão em desenvolvimento.

4 INSTITUIÇÕES, MODELOS E PLATAFORMAS ON-LINE

A partir do agrupamento apresenta-se uma breve descrição e caracterização desses modelos de arquivamento digital, que dialogam com as transformações ocorridas com a introdução das TICs:

Quadro 1 – Plataformas de arquivamento digitais

Plataforma	Descrição
Repositório Institucional Digital	São plataformas produzidas com funcionalidades mais específicas e direcionadas para o arquivamento de arquivos e documentos. Em relação ao arquivo audiovisual, a sua busca e recuperação é mais organizada, devido a sua própria estrutura.
Sites Institucionais	São utilizadas para a construção de bibliotecas audiovisuais online e como recursos de arquivamento, armazenamento e disponibilização quando a instituição não possui um repositório adequado para este procedimento.
Redes Sociais Digitais	Na contemporaneidade também é identificado o uso das potencialidades das redes sociais digitais como o <i>Vimeo</i> , <i>YouTube</i> , <i>Facebook</i> e <i>Instagram</i> como plataformas de arquivamento de conteúdo audiovisual.

Fonte: Elaboração própria (2020).

O repositório institucional digital é um sistema de informação utilizado para armazenar, preservar, organizar e disseminar amplamente os resultados de pesquisa de instituições, utilizando um *software* como suporte. Porém, numa busca por modelos de usabilidade não foi visualizada a aderência de tal plataforma para o arquivo audiovisual em grande escala. Sendo assim, tem-se como proposta o repositório digital desenvolvido pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP) criado em 2013.

De acordo com as informações do repositório¹: ele é uma plataforma destinada à reunião, preservação, organização e difusão da produção intelectual e institucional da unidade. Apresenta uma estrutura aberta e dinâmica, baseada em módulos temáticos, para acomodar e acompanhar os diversos matizes que marcam sua trajetória. No seu acervo audiovisual, o usuário pode visualizar conferências, palestras, cursos, seminários, colóquios, simpósios e congressos. No geral, o acervo é composto por documentos que são oriundos de eventos e, que sendo realizados apenas uma única vez, encontra no processo de arquivamento a possibilidade de alcançar um público mais amplo e possibilitar o acesso para quem não pode estar presente no evento.

Na navegação pelo repositório e acervo do IAU/USP, o usuário tem as seguintes possibilidades de busca: autor; título; assunto e data, possibilitando a localização dos documentos no portal on-line. Apesar de ser umas das poucas iniciativas de repositório digital, com a finalidade para a salvaguarda de acervo audiovisual, o exemplo do IAU demonstra que é possível estabelecer uma dinâmica de uso para este modelo de arquivo e documento.

¹ Informações disponíveis em: <http://repositorio.iau.usp.br/>. Acesso em: 15 mai. 2020.

No segundo grupo tem-se o uso de sites. Como primeiro exemplo tem-se a coleção audiovisual do Museu de Zoologia Adão José Cardoso da Universidade Estadual de Campinas. Integrada pela Fonoteca Neotropical Jacques Vielliard (FNJV) e pelas coleções de vídeos e fotos, que objetiva manter o acervo de registros audiovisuais de animais da fauna brasileira e mundial disponível na internet.

De acordo com informações da coleção, a preocupação com a disponibilização do conhecimento é uma das bases da coleção do Museu de Zoologia e da FNJV. Mostrando-se como uma iniciativa inovadora, este arquivo audiovisual pode ser replicado por demais instituições seja da mesma área ou outros campos do conhecimento. Interessante visualizar que nesta proposta de arquivamento, assim como no repositório tem-se uma organização das informações mais estruturadas, o usuário tem um processo de busca facilitado pela plataforma. O próprio modelo da coleção audiovisual é de simples de navegação. E as informações sobre os vídeos são de fácil localização, assim como os vídeo que estão disponíveis para a consulta online, mas não sendo possível fazer o *download*.

Outro modelo de armazenamento de arquivos audiovisuais on-line é o da Cinemateca Brasileira, criado em 2018 como um lugar de memória para os conteúdos audiovisuais do seu acervo. A partir do desenvolvimento de um Banco de Conteúdo Culturais, esta instituição possui em suas coleções trechos de filmes que podem ser consultados remotamente. Assim, demonstrando preocupação com as modificações tecnológicas e socioculturais do acesso à informação e, promovendo uma integração entre o seu acervo físico e digital.

Após selecionar um dos vídeos do acervo, o usuário é direcionado para outra página dentro do próprio sistema no qual pode assistir aos vídeos e obter algumas informações como observado. Caso queira o vídeo (físico), a página disponibiliza o código, data e local de produção, identidade e categoria – facilitando o processo de recuperação da informação sob o uso das TICs.

A preocupação com a disponibilização de materiais informacionais e de diferentes tipologias no ambiente digital é fundamental no século XXI. Visto que, diversas pesquisas são realizadas e têm como escopo de análise arquivos e documentos audiovisuais. Mas, o seu acesso é marcado por dificuldades e complicações desde a solicitação de um material para pesquisa, a espera pela resposta e recebimento e a não visualização desta disponibilização online.

Outros exemplos de arquivamento, recuperação e disponibilização on-line são oriundos das realidades de alguns cursos de Jornalismo de Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), que utilizam as TICs para criar um sistema de memória audiovisual na internet. A visualização e seleção pelas estratégias deste grupo dá-se diante a larga escala de produção audiovisual destes cursos e a necessidade de armazenamento destes documentos para um posterior uso.

Além disso, os novos lugares de memória utilizados por esses cursos partem de possibilidades que são institucionalizadas como os sites, e também do uso das redes sociais digitais que em muitos casos ocorre quando não há essa institucionalização inicial. Como primeiro exemplo tem-se o site institucional do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA). O site foi criado no ano de 2015 cujo objetivo era estabelecer uma rotina de arquivamento, que já era existente nas redes sociais digitais como será visto mais adiante. A construção de um site para este processo tanto institucionaliza o arquivamento, quanto possibilita que exista um vínculo com o portal oficial da instituição de ensino.

Na mesma vertente o Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) campus Mariana também mantém um site, como proposta de arquivamento e disponibilização digital. Percebe-se que estes dois processos caminham conjuntamente quando se trata de inserir os arquivos e documentos audiovisuais em ambientes digitais de informação. No site do curso da UFOP, o usuário pode navegar por diversas produções audiovisuais feitas pelos estudantes. Desenvolvido em 2018, o conteúdo está disponível no site através de *hiperlink* que redireciona o usuário para um canal no *YouTube*. No site encontram-se telejornais, documentários, reportagens e produtos ficcionais disponíveis para a visualização.

Por fim, a última categoria explicitada nesta pesquisa pertence as possibilidades advindas com o uso das redes sociais digitais. As potencialidades do uso das redes sociais digitais para o arquivamento, recuperação, compartilhamento e disseminação da informação funciona como esse lugar de memória diante do processo de reconfiguração do uso das tecnologias e das mídias digitais para a comunicação.

Tais redes corroboram no ato de compartilhar e buscar informações. O que necessita, todavia, de uma busca refinada e competência informacional adequada – tópico que não será discutido por não se tratar do objetivo deste estudo. Neste sentido, apontam-se

como exemplos as redes sociais digitais *Facebook*, *Vimeo* e *YouTube*. O potencial adquirido por estas redes na contemporaneidade da comunicação e informação tem revelado a sua importância para a difusão e propagação da informação, ainda que ao mesmo tempo também seja uma das problemáticas das *fakes news* e da desinformação. Porém, possui sua funcionalidade no que se refere ao arquivamento audiovisual.

No caso do curso de Jornalismo da UFCA, encontra-se a existência de um canal do *YouTube* utilizado desde 2012 e a criação de uma *fanpage* no Facebook, que no momento está desatualizada. É importante destacar que essas iniciativas, em muitos casos, são decorrentes da falta de uma estrutura adequada para o arquivamento e a disponibilização do conteúdo audiovisual ofertada pelas instituições.

No *Facebook*, a página do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual da Universidade Federal de Juiz de Fora é uma dessas propostas em que se identifica o arquivamento do conteúdo audiovisual on-line. Uma série de vídeos de eventos está armazenada nesta rede, o que propõe além da construção de uma memória audiovisual digital a circulação destes conteúdos, sobretudo de eventos realizados, para quem não pode estar presente ou para uma posterior consulta.

O *Vimeo* se configura como uma das redes sociais que possibilita o arquivamento de conteúdo audiovisual, fundado em 2004. A sua origem antecede a criação do *YouTube*, mas pode-se dizer que ambas redes mantêm proximidades e características entre si. O usuário tem uma funcionalidade diferente da observada no *YouTube*, por exemplo: na barra superior possui alguns destaques como gerenciar vídeos, assistir, produtos e upgrade. Na aba assistir, a página do *Vimeo* possui alguns filtros que direcionam o usuário para uma busca mais refinada: categorias, canais e *Video on Demand* (vídeo sob demanda, no qual o usuário seleciona o que vai assistir). Assim, a informação sobre o conteúdo audiovisual pode ser encontrada de forma mais rápida.

No ano seguinte, em 2005, surge a plataforma digital *YouTube*. Além de prover a disseminação de conteúdo audiovisual na internet, ele também propicia o armazenamento digital. Se tornou uma das plataformas mais utilizadas na contemporaneidade e é vista como os novos lugares de memória em diálogo com o ambiente digital. São milhares de conteúdos e produtos audiovisuais disponíveis nesta rede social digital, que vão desde videoclipes, conteúdo educativos, canais de televisão, canais nativos e produção independente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estratégias, modelos e plataformas visualizadas e analisadas compreendem uma diversidade de tipos de instituições e acervos audiovisuais, tendo como constante presença os acervos oriundos de instituições de ensino. Esta é uma constatação fundamental, visto que no arcabouço teórico poucas pesquisas e estudos são visualizados sobre esta categorização de acervos audiovisuais bem como sobre esta tipologia de modo geral. Além disso, foi possível detectar que há um baixo número de instituições que se utilizam de plataformas e sistemas desenvolvidos especificamente para a finalidade de armazenamento e disponibilização digital, como pode ser visto no IAU/USP e a coleção audiovisual do Museu de Zoologia.

Neste mesmo caminho também observou-se os sites institucionais, que foram criados posteriormente ao uso de plataformas de redes sociais digitais como o *YouTube* e o *Facebook*, que realizam e/ou realizavam a missão de salvaguardar no ambiente on-line as produções e os documentos audiovisuais; atender as necessidades de recuperação da informação e disseminar a informação produzida por essas instituições. O que direciona o olhar da pesquisa para a identificação e percepção de que não há uma devida atenção, em larga escala, com a salvaguarda desses documentos audiovisuais. Documentos que pertencem a memória e a história da instituição e dos seus atores sociais.

Dessa forma, o uso das redes sociais digitais é o caminho mais fácil, rápido e cujo barateamento e popularização do seu uso tornam as atividades de arquivamento, recuperação e disponibilização da informação mais acessíveis ao seu usuário. Em contrapartida, os riscos e problemas com a interface dessas redes e a instabilidade podem acarretar na perda dessas memórias sociais. Todavia, são exemplos que demonstram que, por mínima que seja, existe uma preocupação potencial com a documentação audiovisual por uma parcela da sociedade e, além disso, o desejo de tornar o seu acesso e uso compartilháveis com a sociedade.

Verifica-se, assim, que a preocupação com os acervos e arquivos audiovisuais não partem apenas de políticas e diretrizes para a sua salvaguarda, mas, sobretudo, de pensar estratégias acerca de modelos, plataformas e *softwares*, que assim como os repositórios possam corroborar com uma melhor interface gráfica de arquivamento e navegação, tanto para a instituição e o profissional da informação, como para o usuário. Pois, essas plataformas atuam como agentes mediadores, que são mediados

por profissionais que têm se esforçado e criado alternativas para disponibilizar o seu conteúdo informacional audiovisual no universo digital.

A partir dos modelos e plataformas apresentados identifica-se que as estratégias adotadas para a preservação de arquivos e documentos audiovisuais é uma realidade atual. E, pode ser implementada por diferentes tipos de instituições cujo objetivo permanece sendo o mesmo: arquivar para preservar e compartilhar a informação. Diante essa constatação é preciso destacar que não basta apenas salvar, pois para que a informação permaneça viva e que ela possa ser transformada em conhecimento é preciso partilhar com os sujeitos.

Assim, é preciso ofertar condições de acesso remoto facilitando e reelaborando um novo território informacional, sob o uso nas novas potencialidades, ferramentas e artefatos advindos das tecnologias digitais. Para além dessas plataformas investigadas, futuros estudos podem partir da visualização das plataformas de serviços de *streaming* a exemplo da Netflix, Globoplay, Amazon prime, Disney +, Hulu, HBO Go e dentre tantos outros que também têm modificado a estrutura de salvaguarda e disponibilização, ainda que como um serviço mediante uma mensalidade, da produção audiovisual contemporânea.

Conclui-se, que este estudo aponta para o uso de estratégias e recursos diferenciados que transitam entre o uso de plataformas formais (repositórios e sites institucionais) e plataformas informais (redes sociais digitais). Estas, por sua vez, acabam se tornando formais no sentido de são as formas encontradas de disseminar a informação audiovisual. Sendo assim, deixa-se em aberto a exploração para que novas pesquisas e pesquisadores objetivem visualizar a situação atual dos acervos audiovisuais brasileiros e os seus processos de arquivamento, recuperação e disponibilização dos ambientes online. Uma vez que é preciso balizar de um lado a criação das diretrizes e políticas de salvaguarda do audiovisual e, de outro, despontar para as iniciativas práticas desse processo, que não apenas estejam institucionalizadas em documentos. Contudo, que se façam valer no cotidiano das instituições que dialogam cotidianamente com o conteúdo audiovisual.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Suzana. O que é jornalismo digital em base de dados. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 15., 2006, Bauru, SP. **Anais** [...]. Bauru, SP: UNESP, 2006.

- BEZERRA, Laura; SANTOS, Joanderson da Silva. Diversidade cultural e a preservação de acervos audiovisuais do eixo sul. **RELACult**, Foz do Iguaçu, V. 5, mai., p. 1-16, 2019. Disponível em: <http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/download/1464/956>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- BRASIL, Antonio; PAVLIK, John V. Big data, código computacional e arquivos de notícias televisivas: implicações dos avanços nos métodos de investigação audiovisual para a qualidade do jornalismo. **Parágrafo**, São Paulo, v. 4, n. 2, jul./dez, 2016.
- CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins; SOUZA, José Jullian Gomes de. Acervo audiovisual e virtualização: as potencialidades da tecnologia digital para a preservação da memória. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 7, n. 1, p. 129, junho, 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/12823/8278>. Acesso em: 19 ago. 2019.
- CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins; SOUZA, José Jullian Gomes de. A memória virtualizada do arquivo audiovisual jornalístico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019b, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/474>. Acesso em: 12 abr. 2020.
- CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins; SOUZA, José Jullian Gomes de. O arquivamento e a disponibilização dos produtos audiovisuais do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri. **Revista Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 6, n. 1, p. 39-49, jan./abr., 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/429>. Acesso em: 12 jun. 2020.
- COLOMBO, Fausto. **Arquivos imperfeitos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- DALMONTE, Edson Fernando. Presente: o tempo do jornalismo e seus desdobramentos. **História**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 328-344, 2010.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- EDMONDSON, Ray. **Arquivística audiovisual: filosofia e princípios**. Brasília: UNESCO, 2017.
- EDMONDSON, Ray. **Uma filosofia dos arquivos audiovisuais**. Paris: UNESCO, 1998.
- GÁRCIA, José Carlos; FADEL, Bárbara. Estratégias de preservação digital. In: VALENTIM, Marta. (Org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- INNARELLI, Humberto Celeste. Preservação digital: a influência da gestão dos documentos digitais na preservação da informação e da cultura. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 8, n. 2, p. 72-87, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/%20rdbci/article/view/1934>. Acesso em: 15 abr. 2018.
- MACHADO, Elias. **O jornalismo digital em base de dados**. Florianópolis: Calandra, 2006.
- MALDONADO, Tomás. **Memoria y conocimiento: sobre los destinos del saber en la perspectiva digital**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 10, jul./dez., 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 9 abr. 2020.
- OLIVEIRA, Lais Pereira de. ROCHA, Thalia Pinho. Organização de acervos audiovisuais em estúdios de TV. **Revista Ibero-Americana de Ciência Da Informação**, Brasília, v. 12, n. 3, p. 744-764, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/21480>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- PALACIOS, Marcos. Jornalismo, memória e história na era digital. In: CANAVILHAS, João. (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã, Portugal: UBI/ LabCom, Livros LabCom, 2014.

PIRES, José Miguel Eira. **A Importância e Utilidade dos Arquivos Audiovisuais**. 2011. 62f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Minho, Braga, 2011. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18037/1/Tese%20de%20Mestrado.pd>. Acesso em: 29 set. 2019.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SOUZA, Bruno; GOMES, Itania. A historicidade dos processos comunicacionais: elementos para uma abordagem. In: MUSSE, Christina Ferraz; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos. (orgs.). **Comunicação, mídias e temporalidades**. Salvador: EDUFBA, 2017.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; BARBOSA, Marialva. Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional. **Comunicação & Sociedade**, v. 47, p. 99-114, 2007.

ROSARIO, Eduardo Augusto de Souza Barreto. **Documentos audiovisuais em emissoras de televisão: estudo sobre a gestão do acervo da TV Brasil**. 2019. 65 f. Monografia (Graduação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Escola de Arquivologia, Curso de arquivologia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias**. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SMIT, Johanna Wilhelmina. **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987.